

levar vida plena

aos outros



Associação Irmãs Franciscanas
da Mãe Dolorosa

Ordem Terceira de São Francisco

Março de 2014 #4

Caros leitores,

“... **Levar vida plena aos outros**” continua a ser o título Do Boletim do generalado que neste ano, em continuidade com as diretrizes do 21º Capítulo Geral da congregação, desenvolve o tema do **TESTEMUNHO FRANCISCANO PARA A EVANGELIZAÇÃO**.

A nossa reflexão e partilha convosco, parte de um aspecto particular: “**Sentido de pertença a Igreja e a sociedade**”. Essa é a premissa para o testemunho cristão autêntico responsável, humilde e contagioso, porque o amor a Igreja é uno com o amor de Cristo.

O Papa Francisco na audiência geral de 11 de setembro de 2013, nas saudações nas diversas línguas ressaltou o convite a “*reforçar o sentido de pertença a Igreja*”. Repetiu várias vezes que o cristão tem com a Igreja um *laço vital, como aquele que se tem com a própria mãe*”. Por isto, a Igreja, como a mãe, precisa perdoar os “defeitos” e ajudá-la a melhorar.

Embora o aspecto de pertença à Igreja fosse muito querido por Francisco de Assis e Madre Francisca, nesta edição, queremos oferecer o testemunho de Santa Catarina de Siena e Oscar Romero, que não eram membros da família franciscana. Catarina de Siena e Oscar Romero tenazmente enraizados no Evangelho e no seu tempo serviram com amor a Cristo e o povo na Igreja.

Ambos estavam bem conscientes da degradação, miséria, conflitos, as desordens, a pobreza de seu tempo. Eles sabiam muito bem onde levava os compromissos religiosos, políticos e diplomáticos; por este motivo lutaram contra todos os tipos de corrupção e onde quer que esta se escondesse. O seu pertencer ao povo e à Igreja não era uma simples afiliação manifestada apenas em algumas ocasiões. Seu compromisso foi expresso como uma responsabilidade contínua para com a comunidade civil e eclesial. Eles, em diferentes tempos e modos, foram capazes de denunciar essas “falhas” que comprometem a autenticidade da mensagem do Evangelho na Igreja e na sociedade.

“*Justamente nesta época, ...os discípulos do Senhor são chamados a viver como uma comunidade que seja sal da terra e luz do mundo. São chamados a dar testemunho de uma pertença evangelizadora de maneira sempre nova. Não nos deixemos roubar a comunidade*” (Gaudium Evangelii, 92). O que significa para nós hoje?

Sr. M. Teresina Marra, SSM.
Superiora Geral

Sentido de pertença a Igreja e a sociedade

Publicado pela:
Generalado SSM
Casa Generalizia
Via Paolo III, 7-9
00165 Roma, Italia
www.ssmgen.org

Reflexão

A Igreja é, contemporaneamente, uma realidade divina e humana. Para nos sentirmos parte da Igreja, mas, também de um grupo, temos necessidade de nutrir o nosso sentido de pertença.

Testemunhos de Ontém

S. Catarina de Siena foi uma grande evangelizadora do seu tempo. Ela nos oferece um exemplo de fidelidade a Igreja e a sociedade.

Testemunhos de Hoje

Oscar Romero testemunhou com a sua vida e sua morte o amor a Cristo, a Igreja, aos pobres lutando pela promoção dos direitos, humanos, pela liberdade e dignidade.

M. Francisca Streitl

M. Francesca se faz instrumento na missão da Igreja: a sua determinação e o seu empenho constituem um exemplo para os fiéis cristãos de hoje.

Reflexão

A Igreja, realidade divina e humana

Nas celebrações litúrgicas e nos textos teológicos são usadas várias imagens do mundo bíblico para descrever a Igreja: rebanho ou campo de Deus; edifício ou casa de Deus, onde sua família vive, o corpo de Cristo, no qual Ele é a Cabeça e nós somos membros; esposa amada por Cristo, nossa mãe, a vinha escolhida na qual Cristo é a videira verdadeira que dá vida e fecundidade aos ramos, que somos nós, o povo de Deus.

O documento do Concílio “*Lumen Gentium*” fala da Igreja como mistério, uma realidade que é ao mesmo tempo humana e divina assembleia visível e comunidade espiritual (n.º 8). Também lemos que “*o mistério da santa Igreja manifesta-se em sua própria fundação. O Senhor Jesus, na verdade, deu início a essa pregação a Boa Nova*” (n.º 5).



Algumas destas imagens nos são mais familiares, outros talvez menos, mas é importante notar que todos se referem de alguma forma a comunhão e as relações. Todos nós, sacerdotes, leigos e pessoas consagradas, unidos na mesma consagração batismal, somos membros da Igreja, na Igreja formamos um só povo, e nós estamos em nosso caminho na companhia do Senhor e guiados por ele. Como Igreja, de fazer com que todos conheçam o rosto amoroso e misericordioso de Deus, isto é, *pregar a boa nova*.

Mas *ser* membros da Igreja e *sentir-se* membros da Igreja não é a mesma coisa. Eu acho que todos nós temos certa percepção da diferença entre essas duas expressões, *ser um membro* de um grupo significa que, de fato, faço parte desse grupo, enquanto o *sentir-se membro* do grupo também envolve a experiência de sentir-me em relação com os outros membros, para sentir-me confortável, se sentir-me envolvido. Se realmente queremos nos sentir membros da Igreja, devemos também cultivar o nosso *sentido de pertença* e isto precisa de dois aspectos relacionados entre si: uma relação de reciprocidade e de cooperação e a procura do próprio lugar.



Reciprocidade e cooperação caracterizam a vida saudável e o desenvolvimento de cada grupo e, mesmo reconhecendo os diferentes tipos de grupos, isto vale para a família, a comunidade religiosa, um grupo ativo na escola, na paróquia, no trabalho ou em outras áreas. No grupo não posso só esperar receber - carinho, cuidado, apoio, ajuda reconhecimento, estima - mas também sou responsável em dar e oferecer a minha contribuição pessoal e específica. E sem a minha contribuição, no grupo faltará alguma coisa.

Eu li há algum tempo atrás uma entrevista com a neta de John F. Kennedy assassinado em 1963 e na qual a mulher se lembrou de uma famosa frase de seu tio viro aos americanos: “*Não pergunte o que seu país pode fazer por você, mas pergunte o que você pode fazer para o seu país.*” É um convite forte, que vale para nós hoje e que também toca a nossa vida como cristãos e nosso sentido de pertença à Igreja, especialmente no contexto atual, que nos colocou na frente de muitas feridas e fraquezas. É um estímulo a nos perguntar: como com as nossas vidas e o nosso compromisso estamos dando a nossa contribuição para o desenvolvimento da Igreja? Como nós trabalhamos para a sua missão evangelizadora?

A segunda característica do sentido de pertença a um grupo é a busca e a descoberta do próprio lugar. Encontrar o seu lugar não é simplesmente ter um papel, isso significa algo mais, é encontrar seu próprio lugar específico. São Pedro diz que somos pedras de uma construção espiritual viva: ao lado da pedra que é Cristo, cada pedra tem o seu lugar, se uma pedra não ocupa seu lugar, há um buraco, um vazio. Quando eu ocupo o meu lugar, toda a construção é beneficiada e embelezada (1 Pedro 2:4-5). Portanto, na Igreja há diferentes vocações e Ministérios: uma pessoa casada tem deveres e responsabilidades que são diferentes das de um bispo, uma mãe não pode dedicar-se à oração como uma freira, o Papa não pode ser pároco. E cada um de nós tem diferentes talentos e qualidades para colocar a disposição. Nós todos compartilhamos o dom do amor de Deus e como membros da Igreja, todos partilhamos em diferentes modos, a responsabilidade de tornar visível este amor.

Santa Teresa de Lisieux escreveu em sua autobiografia: “*Eu encontrei o meu lugar na Igreja, e este lugar tu me deste, ó meu Deus. No coração da Igreja, minha mãe, eu serei o amor.*”

E também nós podemos então nos perguntar: estou ciente de “meu lugar” na Igreja? Como o vivo?

Ir. Samuela Maria Rigon, SSM.



A fidelidade ao homem exige a fidelidade à verdade, a única que é garantia de liberdade (cf. Jo 8, 32) e da possibilidade dum desenvolvimento humano integral. É por isso que a Igreja a procura, anuncia incansavelmente e reconhece em todo o lado onde a mesma se apresente. Para a Igreja, esta missão ao serviço da verdade é irrenunciável.

Caritas in Veritate 9

Testemunhos
de Ontem

Santa Catarina de Siena (1347 - 1380)

A evangelização é e continua a ser uma prioridade para a nossa congregação; sobre este assunto, neste ano, o nosso boletim vai trazer algumas testemunhas fiéis de ontem e de hoje. Catarina de Siena foi um forte testemunho de evangelização de seu tempo. Respondeu com todo o seu coração ao convite de Jesus e tornou-se um modelo de seguimento cristão. Depois de ter lido e refletido sobre a sua vida não se pode não sentir-se evangelizado, inspirado e desafiado por essa extraordinária figura de uma mulher e doutora da Igreja.



Este artigo irá se concentrar em sua fidelidade à Igreja e à sociedade. Na idade de dezesseis anos, Catherine tornou-se uma leiga dominicana Terciária e abraçou uma vida de pobreza, castidade e obediência. Sua grande paixão pelos pobres a levou a grandes obras de caridade e de assistência aos doentes que eram rejeitados com doenças repugnantes que deixaram seus corpos marcados. Catarina permaneceu firme em sua decisão de apoiar a vida de todos, também dos prisioneiros. Em seu ministério nas prisões gostava de trabalhar junto aos presos, especialmente os destinados à pena capital. Ela viveu uma vida íntegra, interagindo com força e convicção no que ela acreditava que Deus estava lhe pedindo. Por sua grandeza e santidade, foi escolhida como guia espiritual para muitas pessoas, inclusive o Papa Gregório XI, nobres, políticos, artistas, pessoas comuns, homens e mulheres religiosas consagradas.

Santa Catarina era dotada de grandes virtudes. Para citar algumas, a virtude de reconciliadora, reformadora, unificadora e da sabedoria. A Europa no seu tempo era muito semelhante ao mundo de hoje, marcado pela violência e um futuro incerto. Os homens do século 14 na direção da Igreja e da sociedade civil eram gananciosos, sempre em pelo poder, recebiam favores e vantagens, graças ao apoio e à posição que gozavam na sociedade. Acredito que, em muitos casos, isso também reflete a situação de hoje. Nossos líderes, tanto na Igreja e na sociedade, são submetidos a muitos processos e dificuldades e perderam muita credibilidade. No mundo moderno, a vida espiritual parece ausente, se perdeu o senso de comunidade e de pertença à Igreja. *O maior*

sucesso político de Catarina foi quando convenceu Papa Gregório XI para retornar a sede do papado em Roma e este também foi um sucesso espiritual. Na verdade, de 1309-1378 a sede de sete papas foi transferida de Roma para Avignon pelos conflitos entre o papado e a monarquia francesa que levou à subordinação do poder eclesiástico ao monárquico. (Diácono Keith Fournier, Catholic on-line, 21 de maio de 2011). *Catarina deixou cerca de 400 cartas; muitas de forte conteúdo foram enviadas para os papas aconselhando-os honestamente a usar o seu poder e autoridade com sabedoria. Em sua correspondência com o papa Gregório, mesmo escrevendo para ele de uma forma muito direta, nunca colocou em discussão a sua autoridade, na verdade diz 'Esto vir! 'Você é um homem, use a sua autoridade.'* (A primeira feminista católica? Christopher Chech, Crisis Magazines, 25 de Abril, de 2013)".

Catarina se empenhou fortemente em trazer a paz e a unidade na Igreja e no Estado e reformar a Igreja. Não deixou que dificuldades, cisma, a guerra ou a perseguição, a impedissem de continuar a obra do Senhor. Guiada pelo Espírito, e por sua profunda fé, ela se tornou uma promotora ativa de mudança durante os tumultuosos eventos da época em que viveu. Santa Catarina foi apoiada pela sua consciência de que o nosso *Senhor é louco de amor por nós.* (Catarina de Siena)

A Igreja recentemente encerrou oficialmente o ano da fé. Papa Francisco, em sua primeira exortação apostólica "*A alegria do Evangelho*" nos chama a evangelização (exalta o amor de Deus para cada pessoa e faz um apelo a todos os cristãos para que mostrem a misericórdia de Deus para com os pobres e indefesos). Santa Catarina Siena é um modelo extraordinário para nós.

Ir. Catherine Marie Hanegan, SSM.

Testemunhos de Hoje

Oscar Romero

Oscar Romero nasceu em El Salvador, em 15 de agosto de 1917. Aos 13 anos, seu pai enviou-o como aprendiz de um carpinteiro, mas o jovem Romero sentia a vocação para o sacerdócio na Igreja Católica e, um ano depois, ele deixou sua casa para ir para o seminário. Estudou em El Salvador e em Roma, e foi ordenado sacerdote em 1942.

No início transmitiu uma reputação bastante conservadora, com seu ceticismo para as reformas do Concílio Vaticano II e do encontro Medellín, quando foi discutida a forma de implementar as recomendações do Concílio a nível local. Os bispos desta região haviam decidido de abandonar o papel tradicional da hierarquia eclesiástica de defensores do status quo e, ao invés se colocar do lado dos pobres que lutavam por justiça social. Foi uma direção radical que dividiu seja os fiéis que clero. Oscar Romero tendo aprendido com o clero empenhado em questões sociais, tendo sido testemunha de inúmeras violações de direitos humanos, começou a dar muito apoio aos pobres e vítimas da repressão e injustiça. O assassinato de seu amigo de longa data, o jesuíta, padre Rutilio Grande, levou-o a fazer uma pungente denúncia, de suspender a celebração da missa dominical seguidas nas igrejas da capital e abertamente pedir a punição dos responsáveis. Ele sentiu na pele o quanto disse em palavras: *“Há muitas coisas que somente os olhos que choraram podem ver”*.



Isso o levou a colocar-se muitas vezes em conflito com o governo e as pessoas dentro da Igreja Católica. Ele se tornou um profeta compartilhando o destino da Igreja. Em *“A violência do Amor”*, uma seleção de suas homilias, Romero afirma

claramente: *“Quando agora lutamos pelos direitos humanos, a liberdade, a dignidade, quando sentimos que é um ministério da Igreja a preocupação com aqueles que estão com fome, que não pode ir à escola, que sofrem de marginalização não estamos nos afastando desta promessa de Deus. Vem nos libertar do pecado e a Igreja sabe que as consequências do pecado são todos estes sofrimentos e opressão. Portanto, a Igreja sabe que salva o mundo, quando se coloca a falar destas coisas.”*. E em outro sermão, ele diz: *“...A Igreja deve sofrer porque disse a verdade, porque denuncia o pecado, porque erradica o pecado. Ninguém gosta que lhe toque uma ferida, portanto estremece uma sociedade que muitas feridas quando existe quem as toque com coragem e diga: ‘Você tem que cuidar de si mesmo, você tem que erradicar isso. Cristo: acredite nele, e converta-se’”*.

Depois de falar contra o apoio militar dos Estados Unidos para o Governo de El Salvador (*“Estamos fartos de armas e balas”*) e pedir que os soldados a desobedecessem as ordens para disparar sobre civis inocentes, o arcebispo Romero foi assassinado enquanto celebrava Missa na pequena capela do hospital onde vivia, porque estava doente com câncer. Era o dia 24 março de 1980.

O arcebispo sabia que estava em perigo de ser morto e tinha falado muitas vezes dizendo que ele estava disposto a aceitar o martírio, se o seu sangue podia ser usado para resolver os problemas da nação. *“Como cristão, comentou numa dessas ocasiões, ‘Eu não acredito na morte sem ressurreição. Se eles me matarem, ressuscitarei no povo salvadorenho’*.”

Ir. Gudrun Maria Schellner, SSM



M. Francisca
Streitel



Ultimamente pensando em Madre Francisca fiquei impressionada com a determinação e o forte caráter que esta mulher demonstrou, em particular no que diz respeito a sua vontade, repetidamente confirmada por Deus, para ser um instrumento na missão da Igreja. Pensava em particular, nos episódios de sua vida em que encarnou a Palavra da carta aos Hebreus, na qual se lê *“pela fé Abraão partiu, sem saber para onde ia.”*

Em particular, eu, que sou uma mulher de 41 anos, mãe de dois filhos e esposa feliz, me perguntei: serei capaz de ter essa determinação e prontidão para me colocar em caminho para uma meta desconhecida? Quem me conhece pode intuir a resposta! Madre Francisca, sem GPS, celular e satélites vários, partiu da Alemanha para Roma e, com suas primeiras coirmãs, partiu de Roma para as Américas confiando unicamente em Deus, sua única certeza real GPS.

Penso que, como outros momentos de sua vida, estes episódios nos dizem o quão forte foi a sua pertença à Igreja, Corpo de Cristo: foi possível para ela partir, recolocar-se em viagem, atravessar o oceano (com todas as dificuldades que comportava aquela travessia em 1888!), apoiada apenas por um sentimento de pertença total ao seu Esposo, que, através da Igreja, a apoiou e deu grande bênção. E também eu fui alcançada por esta bênção: de Madre Francisca e através dela eu verdadeiramente recebi muito.

Éster
Itália

“O Senhor exige muito daqueles, que escolheu para servir como instrumentos particulares... Estes devem se tornar como faróis, onde os raios conseguem penetrar os fragmentos da miséria humana e indicar a muitos a estrada de retorno ao porto da salvação”. (Madre Francisca)

